



## EVOLUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DO INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO NO BRASIL NO PERÍODO DE 1995 A 1999

Adriana Alves\*  
Eliana Velasco\*\*

---

### RESUMO

Os fluxos de investimento direto estrangeiro (IDE) vêm aumentando significativamente nos últimos anos. Após ficarem em posições quase nulas no final dos anos 70 e nos anos 80, retornam a partir de 1994, coincidindo com o advento do Plano Real e com o movimento de privatizações iniciado em 1990. Estes investimentos vêm sendo uma alternativa de financiamento dos déficits dos Balanço de Pagamentos muito utilizada pelos governantes dos países em desenvolvimento principalmente. Este artigo objetiva analisar os fluxos de IDE no Brasil, bem como sua distribuição setorial.

**Palavras-chave:** investimento direto estrangeiro, distribuição setorial, crescimento do IDE, privatização, déficits.

### ABSTRACT

The foreign direct investment (*FDI* - IDE) has increased significantly in the past years. After having almost disappeared in the 70s and 80s they were back from 1994 on, by the time the government launched “Plano Real” and started privatization processes (1990). Such investments ended up being alternatives to financing the Balance of Payments, what is widely used mainly by the developing countries’ government. The present article aims at analyzing the IDE (*FDI*) flows and its sector distribution in Brazil.

**Key words:** Foreign direct investment, sector distribution, IDE (*FDI*) growth, privatization, deficits.

---

\* Economista, Mestranda em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da FAE Business School.  
E-mail: adri.a.semmer@bol.com.br

\*\* Economista, Doutoranda em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenadora do Curso de Economia da FAE Business School.

E-mail: elianav@bomjesus.br

## INTRODUÇÃO

No Brasil, os investimentos estrangeiros estiveram presentes durante todo o processo de industrialização, permanecendo até os anos 70, quando ocorrem as crises como a do petróleo. Na década de 80, após a crise da dívida externa, os fluxos de investimento se reduzem quase a zero, e só voltam a ser incrementados no início da década de 90, coincidindo com o processo de abertura econômica.

A movimentação internacional de capitais tem aumentado significativamente nos últimos anos, em todo o mundo. Além do Brasil, esses capitais também têm se dirigido para a América Latina, como um todo, além dos Tigres Asiáticos, numa nova tendência mundial. Essa concentração de capitais em países em desenvolvimento surge devido às altas rentabilidades que estes passam a apresentar. O Brasil tem recebido grande volume de investimentos, em termos nominais, mas, comparativamente ao PIB brasileiro, a recepção fica muito menor que em outros países em desenvolvimento.

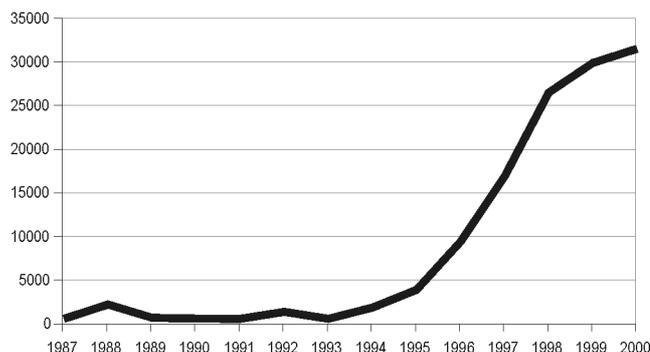
O investimento direto estrangeiro (IDE), pela sua natureza, cumpre diversos papéis na economia de um país. Diferentemente de outros tipos de capitais, representam incremento de poupança atrelado à capacidade produtiva e tecnológica e, ao mesmo tempo, constituem uma fonte de financiamento dos déficits em conta corrente sem pressionar a dívida externa.

Dessa forma, a distribuição setorial desses investimentos produz também efeitos diferenciados, dependendo do seu destino final, em termos de impacto tanto sobre a estrutura produtiva, como sobre o desempenho das contas externas. A análise aqui apresentada busca identificar alguns desses efeitos.

### 1 O INVESTIMENTO ESTRANGEIRO NO BRASIL

Os fluxos de capitais só voltam a se intensificar, no Brasil, em 1994, depois de concluídas as negociações com a dívida externa e da implementação do plano de estabilização da economia. Nesse mesmo ano, o Brasil voltou a ser um dos maiores receptores mundiais do capital produtivo ou investimento direto estrangeiro, chegando em 1996, conforme citado por ARAI (1997), a ser o segundo receptor de IDE entre os países em desenvolvimento, ficando atrás somente da China. O crescimento dos volumes de IDE no Brasil pode ser melhor analisado no gráfico 1, a seguir.

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO DO IDE NO BRASIL - 1987-2000



FONTE: Banco Central - Relatório Anual

O fluxo de capital estrangeiro não é fato inédito na economia brasileira, pois pode ser observado em diversas épocas. A entrada de capitais ocorre devido a programas específicos de atração, como no caso do Plano de Metas (1955-1960), instituído pelo governo Juscelino Kubitschek, que visava ao desenvolvimento via industrialização, no qual se utilizou do expediente de capitais estrangeiros para o seu financiamento, contrariando inclusive a recomendação da Cepal, que propunha que a industrialização deveria ser genuinamente nacional.

Mais tarde, em 1964, após o golpe militar, os Programas Nacionais de Desenvolvimento (PND) em todas as suas versões contavam com financiamento externo. Esse processo se esgotou com as crises do petróleo dos anos 70, que, associadas a desequilíbrios macroeconômicos, culminaram em fuga expressiva de capitais.

Os efeitos da crise foram sentidos durante todo os anos 80, quando a captação de recursos externos manteve-se bastante baixa. Somente no início dos anos 90 é que esse quadro começa a se reverter, embora de maneira bastante tímida, devido à abertura econômica e ao processo de privatização estabelecidos pelo governo Collor.

A atração de capitais em maior ou menor volume está totalmente condicionada às políticas de atração implementadas nos governos. Em todas as épocas em que houve incremento na recepção de capital externo, havia também uma política de crescimento que proporcionava a atração de capitais, por meio de isenções e subsídios. As políticas de atração, notadamente no Brasil, tiveram seu maior fomento a partir de 1994 e 1995, quando foram editadas leis que permitiam isenções de impostos como o ICMS e o IPI,

ou carências para pagamento, doações de terrenos e financiamento estatal para implementação de projetos. Mais recentemente, no episódio das privatizações, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), financiou parte das aquisições dos leilões das companhias de energia e telecomunicações. Além dos benefícios financeiros, a infra-estrutura necessária para suportar o crescimento industrial também é uma fonte de atratividade do capital externo, sendo que essa estrutura vem sendo financiada pelo Estado, como sistema de transportes (rodovias, ferrovias, portos e aeroportos), energia com construção de novas hidroelétricas, gasodutos, água, etc.

Os fatores antes mencionados possibilitaram o crescimento do IDE a partir de 1994, sendo que seu crescimento já ultrapassa a taxa de crescimento do PIB, sem, contudo, possuir efetiva relevância na participação do PIB, com participação máxima de 5,4 pontos percentuais (tabela 1).

Não obstante a sua pequena participação relativa no PIB, ela apresenta crescimento acelerado nos últimos anos, passando de uma participação de 0,47 em 1995 para 5,43 pontos percentuais em 2000. Esse aumento não ocorre de maneira linear, e não se reparte por igual entre os setores da economia. Aliado a esse fato, também não há manutenção das tendências históricas do direcionamento do IDE para o setor industrial. Como se pode observar na tabela 2, a seguir, a indústria era a maior receptora de investimentos até 1995; já a partir de 1996, o setor serviços passa a receber montantes cada vez maiores, superando a casa dos 70%.

Os motivos que sustentam esse crescimento são principalmente os movimentos de privatizações e desnacionalizações realizados pelo governo brasileiro, que acabam por atrair empresas estrangeiras, além das mudanças de hábitos e costumes que geraram e continuam gerando uma gama muito grande de serviços profissionalizados.

## **2 O INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO NO SETOR SERVIÇOS**

Conforme THORSTENSE (1994, p.19-20), “a revolução tecnológica iniciada em meados da década de 70 nos países desenvolvidos trouxe mudanças ainda mais drásticas para a economia mundial na década de 80”.

É nesse contexto que o IDE tem aumentado sua concentração no setor serviços nas últimas décadas, sendo que até então esse setor desempenhava papel secundário na economia. A concentração dos investimentos no setor serviços e sua crescente importância na geração de empregos e na formação da renda nacional compartilham uma tendência mundial de crescimento do setor em todo mundo. Esse crescimento é explicado principalmente pelas mudanças de hábitos e costumes da população mundial, pois, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, esta começou a demandar mais serviços, principalmente para exercer tarefas domésticas e educação das crianças, não se limitando somente ao período escolar, mas desde o nascimento. Na mesma proporção cresce o setor de turismo e entretenimento, pois há maior necessidade de lazer e relaxamento, visto as rotinas serem mais estafantes do que em algumas décadas atrás.

Essa tendência mundial é sentida em menor grau nos países em desenvolvimento, onde a concentração ainda é em serviços voltados para a indústria. Mais recentemente, há uma tendência de os IDEs se voltarem ao setor de infra-estrutura, devido ao evento da privatização que vem ocorrendo na maioria dos países em desenvolvimento. Além da privatização, há também os incentivos propostos pelo governo, como o recente pacote de decisões tomadas pelo Ministério de Minas e Energia, para estimular a construção de usinas térmicas a gás.

No Brasil, os investimentos estão migrando para o setor serviços, com bastante ênfase em infra-estrutura, conforme pode ser observado na tabela 3 e gráfico 2, a seguir.

Como se observa na tabela 3, até 1995 a maior parte do estoque de IDE estava concentrada em serviços prestados a empresas (62,5%). O desempenho dos fluxos posteriores diminui esta participação para 36%.

Os investimentos em infra-estrutura passam de 8% para 42%, analisando-se os estoques de 1995 para 1999, sendo que nesses estão englobados os ramos de energia, intermediação financeira e comunicações. Essa conformação específica do destino do IDE no Brasil corresponde às necessidades do novo paradigma tecnológico, cujo fundamento são as novas tecnologias de informação e inovações organizacionais a elas relacionadas.

Nas transferências recentes, inserem-se a combinação microeletrônica e a organização flexível. Esse novo paradigma permite saltos qualitativos no tocante aos níveis de competitividade.

TABELA 1 - EVOLUÇÃO ANUAL DO INVESTIMENTO DIRETO NO BRASIL-1995-2000

DISCRIMINAÇÃO	1995		1996		1997		1998		1999		2000	
	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%
IDE	3.285	46,6	9.580	191,6	17.864	86,5	26.515	48,4	29.903	12,8	31.521	5,4
PIB <sup>(1)</sup>	705.449	29,9	775.475	9,9	801.662	3,4	775.501	-3,3	557.538	-28,1	580.955	4,20
Part. no PIB	0,47%		1,24%		2,23%		3,42%		5,36%		5,43%	

FONTE: Banco Central - Relatório Anual

NOTAS: Valores em US\$ milhões.

Em 1994, o IDE aumentou US\$ 2.241 milhões e o PIB, 543.087 milhões.

(1) Estimativa obtida pela divisão do PIB a preços correntes pela taxa média de câmbio, calculada de acordo com a metodologia publicada no Boletim do Banco Central de dezembro de 1996.

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DO ESTOQUE E FLUXO DE IDE POR ATIVIDADE ECONÔMICA, NO BRASIL - 1995-1999

SETOR	Estoque em 1995 (dez.)		1996 <sup>(1)</sup>		1997 <sup>(1)</sup>		1998 <sup>(1)</sup>		1999 <sup>(1)</sup>		Estoque em 1999 (dez.)	
	US\$ milhões	%	Fluxo	%	Fluxo	%	Fluxo	%	Fluxo	%	US\$ milhões	%
Agricultura <sup>(2)</sup>	689	1,62	111	1,44	456	2,98	142	0,61	423	1,53	1.821	1,57
Indústria	23.402	55,03	1.740	22,70	2.036	13,3	2.766	11,89	7002	25,40	36.946	31,76
Serviços	18.439	43,36	5.815	75,86	12.819	83,72	20.362	87,50	20.140	73,06	77.575	66,68
TOTAL	42.530	100	7.666	100	15.311	100	23.270	100	27565	100	116.342	100

FONTE: Banco Central - Censo de Capitais Estrangeiros

(1) Estão considerados os ingressos e investimentos acima de US\$ 10 milhões por empresa receptora/ano.

A participação global dos dados dessa amostra no montante total ingressado atingiu 73,6% e 81,6% em 1996 e 1997, respectivamente.

(2) Inclui as atividades de pecuária e extração mineral.

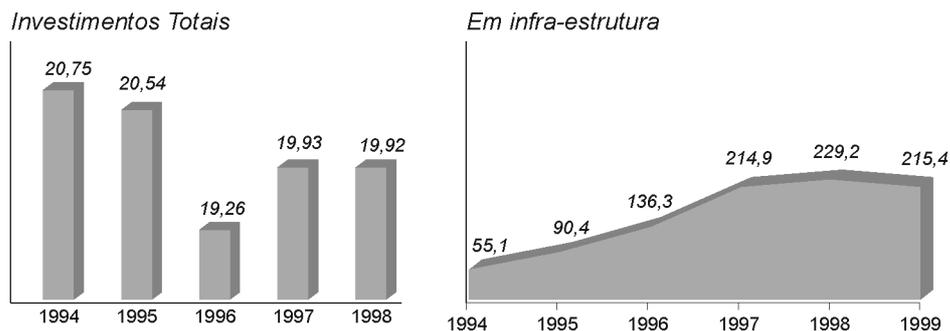
TABELA 3 - INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO NO SETOR DE SERVIÇOS, NO BRASIL - 1995-1999

SETOR	Estoque em 1995 (dez.)		1996 <sup>(1)</sup>		1997 <sup>(1)</sup>		1998 <sup>1</sup>		1999 <sup>(1)</sup>		Estoque em 1999 (dez.)	
	US\$ milhões	%	Fluxo	%	Fluxo	%	Fluxo	%	Fluxo	%	US\$ milhões	%
Serviços prestados a empresas	11,5	62,5	2,0	34,5	5,4	41,7	6,2	30,4	3,3	16,4	28,4	36,6
Correio e telecomunicações	0,2	1,1	0,6	10,3	0,8	6,5	2,6	12,7	7,8	38,8	12,0	15,5
Intermediação financeira	1,3	7,1	0,4	6,9	1,6	12,5	5,9	28,9	1,7	8,5	10,9	14,1
Eletricidade, gás e água quente	0,0	0,0	1,6	27,6	3,6	27,7	2,2	10,8	3,0	14,9	10,4	13,4
Comércio atacadista e interm. comércio	2,1	11,4	0,2	3,4	0,7	5,4	1,1	5,4	1,5	7,5	5,6	7,2
Comércio varejista e reparação de objetos	0,7	3,8	0,4	6,9	0,1	0,7	1,1	5,4	1,1	5,5	3,4	4,4
Atividades imobiliárias	1,1	6,0	0,1	1,7	0,0	0,3	0,0	0,0	0,1	0,5	1,3	1,7
Atividades auxiliares de intermed. financeira	0,1	0,5	0,0	0,6	0,1	0,5	0,5	2,5	0,5	2,5	1,2	1,5
Alojamento e alimentação	0,4	2,2	0,0	0,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,5
Aluguel, veículos, máq., equipamentos e objetos	0,4	2,2	0,0	0,3	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,5
Construção	0,2	1,1	0,0	0,0	0,0	0,4	0,2	1,0	0,3	1,5	0,7	0,9
Seguros e previdência privada	0,2	1,1	0,1	1,7	0,2	1,5	0,0	0,0	0,1	0,5	0,6	0,8
Atividades de informática e conexas	0,1	0,5	0,0	0,2	0,1	1,0	0,4	2,0	0,1	0,5	0,7	0,9
Transporte aquaviário	0,1	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,5	0,0	0,0	0,2	0,3
Comércio e reparação veículos, com., combust.	0,0	0,0	0,0	0,3	0,2	1,4	0,0	0,0	0,3	1,5	0,6	0,8
Outros	0,0	0,0	0,4	5,0	0,0	0,1	0,1	0,4	0,3	1,4	0,7	0,9
TOTAL	18,4	100	5,8	100	12,8	100	20,4	100	20,1	100	77,5	100

FONTE: Banco Central - Censo de Capitais Estrangeiros

(1) Estão considerados os ingressos de investimentos acima de US\$ 10 milhões por empresa receptora/ano. A participação global dos dados dessa amostra no montante total ingressado atingiu 73,6% e 81,6% em 1996 e 1997, respectivamente.

**GRÁFICO 2 - INVESTIMENTOS TOTAIS E INVESTIMENTOS EM INFRA-ESTRUTURA  
NO BRASIL - 1994-1999**



FONTE: Banco Central - Relatório Anual

A revolução microeletrônica permitiu a difusão do uso de computadores a custos muito menores e equipamentos de comunicação mais avançados. Por envolverem equipamentos cada vez mais sofisticados, a infra-estrutura de energia e telecomunicações é extremamente importante para que a revolução microeletrônica possa se concretizar. Esses equipamentos exigem a energia e comunicação com muita qualidade, mais precisos, sem oscilações, que poderiam danificar ajustes, ou o próprio equipamento, comprometendo a qualidade do produto acabado.

Uma modalidade organizacional usada para se inserir nesse novo paradigma são as *network*,<sup>1</sup> parcerias realizadas com consumidores, fornecedores, produção, comercialização, e tecnologia. Ou ainda uma *network* interna, que consiste num desmembramento de uma grande empresa em unidades, formando empresas menores. Conforme THORSTENSE (1994), “essa nova filosofia de gestão permite ganhos enormes, pois as empresas tendem a se especializar nas áreas ou atividades em que são eficientes, terceirizando as demais atividades, formando a sua *network*”.

Nessa linha, tem-se o ramo de energia, que é imprescindível para praticamente todos os setores industriais, nos quais os principais ramos são o de eletricidade, gás e água quente. Nessa área, concentram-se as companhias de energia, que estão em meio a um processo de privatização, no qual há

tendência da desestatização das companhias. Esse ramo é de grande importância para a indústria, principalmente, mas atende também à agricultura e à população em geral. O setor industrial que mais depende do setor de energia é, sem dúvida, o de minerais não-metálicos.

No ramo de correio e telecomunicações também há forte relação com a indústria, pois a prestação de serviços desse ramo é imprescindível para o desenvolvimento da indústria, devido ao fato de ser pela telecomunicação que transita todo o tipo de informação possível, como telefone, fax, internet, transmissão via *modems*, etc. Sem a rapidez das comunicações, muitos avanços da indústria estariam inviabilizados.

O ramo de telecomunicações, além de dar suporte para as transações de todos os tipos de indústria, também fomenta a indústria de materiais eletrônicos e equipamentos de comunicação, que cresce em proporções geométricas, incentivada em grande parte pelos investimentos que estão sendo e serão demandados pelo processo de privatização e quebra do monopólio, acirrando a concorrência.

A relação do setor serviços com a indústria provocou um aprimoramento na qualidade desses serviços, devido a exigências cada vez maiores de avanços tecnológicos. O setor serviços é o que mais cresce em níveis tecnológicos:

<sup>1</sup>O termo expressa a mobilidade de alianças, a flexibilidade de arranjos, a volatilidade de configurações e a multiplicidade de modos de coordenação.

Nas economias desenvolvidas este crescimento teve como ponto de partida a introdução de inovações nos processos produtivos da indústria (revolução microeletrônica), como também economias de escala provenientes de outras fontes que, por sua natureza, implicaram o surgimento de demandas para novas especialidades de serviços. (MELLO et al., 1997).

### **Motivos para a concentração em alguns ramos do setor de serviços**

O ramo serviços prestados a empresas<sup>2</sup> é o mais representativo na captação dos investimentos, possuindo o maior percentual de destinação nos estoques, embora no ano de 1999 tenha sido ultrapassado pelo setor correios e telecomunicações, o que pode ser facilmente explicado pelo movimento de privatização das companhias telefônicas ocorrido nesse ano. As privatizações das teles fazem com que esse ramo seja o de maior crescimento entre os demais.

Dentre os ramos que mais crescem, pode-se destacar as atividades de informática, comércio de autopeças e combustíveis e o comércio atacado e intermediários. As atividades de informática estão totalmente voltadas ao atendimento do setor industrial, assim como o comércio de autopeças e combustíveis, serviços derivados da indústria automobilística.

Outros ramos que também vêm apresentando alto crescimento são os de intermediação financeira e serviços prestados a empresas, sendo que esse último recebe o maior volume de investimentos.

Os ramos eletricidade e comunicações também apresentam crescimento relevante, impulsionados em grande parte pelos processos de privatizações, iniciados mais profundamente nesses ramos em 1997, sendo que seu processo ainda está em andamento, devendo ser concluído somente em 2002.

### **Impactos causados pela concentração no setor de serviços**

Como a maior parte dos investimentos destinados ao setor de serviços é proveniente do processo de privatização, os principais impactos estão ligados a esse processo.

Dentre os principais impactos que a atração de capitais e, por consequência a privatização, provoca, podem-se destacar a desnacionalização da estrutura produtiva, o aumento das remessas de lucros, onerando a balança de serviços, a pressão de déficits na balança comercial e sobre a competitividade industrial.

A desnacionalização da produção acarreta, entre outros, o problema da transferência da capacidade de desenvolvimento tecnológico, que estava concentrada no capital estatal, para o capital estrangeiro, continuando o capital privado sem participar desse processo de criação tecnológica. Aliado a esse fator, grande parte das empresas que assumem o controle das privatizadas muitas vezes desmontam os setores de Pesquisa e Desenvolvimento, passando esses trabalhos a ser executados pela matriz.

A pressão da Balança de Serviços ocasionada pelo aumento das remessas de lucros é um segundo fator de pressão, contrário aos fluxos de IDE. Observa-se que as remessas de lucro têm aumentado significativamente nos últimos anos, podendo afirmar que o grande impulsionador desse crescimento são as fugas de capitais, especialmente aqueles aplicados em bolsa de valores, estimulados pelas crises asiática (1997), da Rússia (1998) e do Brasil (1999). O crescimento dessas remessas é também explicado pelo aumento dos IDEs, ascendentes a partir de 1994. Entretanto, o fator que, junto com a fuga de capitais, vem elevando sobremaneira as remessas de lucros, é o aumento das taxas de rentabilidade experimentadas nos últimos anos pelas empresas filiais ou subsidiárias com matriz no exterior.

A previsão para os próximos anos é que a Balança de Serviços amplie seu déficit, visto que os financiamentos adquiridos pelas empresas estrangeiras para aquisições das empresas estatais começam a vencer, além do elevado volume de investimento e rentabilidade previstos.

No tocante à Balança Comercial, o impacto é negativo. Além do aumento das importações que o IDE proporciona, num primeiro momento, normalmente com importação de máquinas e

---

<sup>2</sup>Essa área é composta por consultorias e empresas cuja atividade é a participação societária.

equipamentos, as exportações dos investimentos gerados para o setor industrial demoram a iniciar. Quanto aos investimentos direcionados ao setor de serviços, não há previsão para exportações, visto que seu produto não é passível de ser exportado.

Os investimentos recentes têm fortes impactos favoráveis sobre a competitividade da indústria brasileira. Isso ocorre devido à atualização dos produtos, modernização dos processos e, em alguns casos, novas instalações, atualização de métodos de gestão, surgimento de uma estrutura empresarial mais concentrada que levam a um aumento da eficiência da indústria, mas enfraquecem o potencial de ganho de eficiência para além dos limites da instalação. O fortalecimento no campo microeconômico enfraquece a capacidade de crescimento e distribuição de renda.

### O financiamento do déficit

O Brasil vem enfrentando déficits seguidos em conta corrente, visto o saldo negativo da Balança Comercial e de Serviços. Na Balança Comercial, o principal problema é que as importações, desde a abertura promovida em 1990, vêm sendo muito maiores que as exportações. Na Balança de Serviços, a contínua remessa de lucros (remuneração do capital externo) e juros (oriundos de empréstimos contraídos no exterior, dentre eles a dívida externa) contribui para seguidos déficits.

As entradas de IDE têm contribuído para o financiamento desse déficit no curto prazo, pois, ao entrar capital, as reservas aumentam, e com isso há um equilíbrio no Balanço de Pagamentos.

Em 1998, os US\$ 26,5 bilhões de investimentos líquidos financiaram 77,7% do déficit da conta corrente brasileira, e, em 1999, financiaram mês a mês os déficits ocorridos, obtendo o menor nível de necessidade de financiamento desde 1995.

No entanto, essa situação pode começar a se reverter nos próximos anos, quando a expectativa para os fluxos de capitais é de queda até a manutenção em torno dos US\$ 10 bilhões. Como o destino dos investimentos se dá para os setores onde há maior geração de emprego (serviços e comércio), para as transações correntes não chegam a ser a melhor colaboração, porque esse investimento não irá se converter em exportações, como quando investido no setor industrial.

Além desse agravante, há a expectativa de aumento das remessas de lucros com a maior rentabilidade dessas empresas no futuro, e ainda a remessa de juros e amortizações dos empréstimos contraídos para financiar os investimentos das empresas estrangeiras no país.

### CONCLUSÃO

As entradas do IDE no Brasil apresentaram de 1995 a 1999 grande crescimento em termos nominais, chegando a 859,5%. Comparativamente ao PIB, a participação sai de menos de 0,5% para cerca de 5,4%. Cerca de 50% do IDE foi destinado a fusões e aquisições, o que explica um crescimento menos expressivo do IDE, quando comparado ao PIB.

Devido à imobilidade relativa do IDE, o Brasil, com o Plano Real, altera sua estrutura de captação de investimentos externos, focando suas atenções no IDE. Num primeiro momento, as empresas estrangeiras exportam seus produtos para o Brasil, para, então, num segundo momento, instalarem-se no país.

Tradicionalmente, o IDE se destinava em maior percentual à indústria, quando em 1996 as posições se invertem, passando o setor serviços a representar mais de 70% das destinações, tendência observada em todo mundo.

A tendência da concentração do IDE no setor serviços no Brasil se dá em decorrência do processo de privatização iniciado em 1990, além da mudança nos hábitos da população que passa a demandar uma gama maior de serviços especializados; e, além disso, devido as empresas se concentram no *core business*, terceirizando as demais atividades. Os avanços tecnológicos ocorridos mais fortemente como advento da terceira revolução industrial também contribuem para o aumento da concentração no setor serviços.

Dentro desse setor, o ramo que mais cresce é o de serviços de telecomunicações, impulsionado principalmente pelo movimento de privatizações das teles ocorrido em 1999.

Também outros ramos apresentam crescimento significativo, como o de serviços de informática, comércio de combustíveis e autopeças e atacado, sendo totalmente dependentes do setor industrial.

Os principais impactos provocados pela maior atração de investimentos para o setor serviços são a

desnacionalização produtiva, a pressão dos déficits em conta corrente e a modernização dos processos de produção, elevando, por sua vez, a competitividade do setor.

A desnacionalização da produção acarreta, dentre outros, o problema da transferência de capacidade de desenvolvimento tecnológico que estava concentrada no capital estatal, para o capital estrangeiro, permanecendo o capital privado à margem do processo. Além disso, muitas empresas estrangeiras, ao assumir o controle das empresas estatais, desmontam os setores de Pesquisa e Desenvolvimento, passando estes a ser executados pela matriz, localizadas fora do território nacional. Esse fato demonstra que o IDE não traz formação de

tecnologia para o país onde se instala, e sim cria a dependência da tecnologia gerada em outros países.

O problema dos déficits em conta corrente pode ser ocasionado pelo aumento na remessa à matriz, dos lucros gerados pelas filiais aqui instaladas, o que pode ser atenuado com os reinvestimentos; ou ainda pelo pagamento dos empréstimos contraídos para aquisição das empresas estatais; e finalmente por uma pressão na balança comercial, ocasionada pelo aumento das importações e não pela geração de exportações em ramos como telecomunicações. Apesar da pressão do déficit, atualmente o ingresso do IDE é uma importante fonte de financiamento do saldo do Balanço de Pagamentos.

---

## REFERÊNCIAS

ARAI, Adriana Lopes. Brasil sobe no ranking de investimentos externos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 22 set. 1997. P.A-4.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Censo de capitais estrangeiros** - período base 1995. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htm/censo/menucens.shtm>. Acesso em: 22 ago. 1999.

BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL. 1996. Disponível em: <http://bcb.gov.br>.

MELLO, Hildete Pereira et al. **É possível uma política para o setor de serviços?** Brasília: IPEA, 1997. 27p. (Texto para discussão, 457).

RELATÓRIO DO BANCO CENTRAL DO BRASIL. Brasília: BACEN, 1994-1999.

THORSTENSE, Vera et al. **O Brasil frente ao mundo dividido em blocos**. São Paulo: Nobel: Instituto Sul Norte de Política Econômica e Relações Internacionais, 1994.